

DIFERENÇA ONTOLÓGICA E TÉCNICA MODERNA EM HEIDEGGER

Poliana Emanuela da Costa¹

RESUMO

A obra de Martin Heidegger é considerada uma das mais vastas da história da filosofia. Não obstante, é a partir do seu estudo sobre a questão do ser que nos é permitido tecer um fio condutor capaz de nos orientar sobre seus temas mais diversos. Desse modo, este artigo trata da diferença ontológica como proposta de superação da metafísica. Partindo do pressuposto que o ser é o principal objeto de estudo de Heidegger, esta comunicação pretende demonstrar a contribuição do filósofo alemão para pensar a modernidade a partir do esquecimento da diferença ontológica. Trata-se de explicitar como a crítica de Heidegger, tendo como viés este tema, se desdobra de modo geral desde a filosofia clássica até a modernidade sob o império da técnica moderna. Com o predomínio da subjetividade racionalista ou razão científico-tecnológica, a diferença ontológica é esquecida e substituída pelo nivelamento dos entes, inclusive o próprio homem que é tomado, na modernidade, como mais um recurso disponível. Nesse sentido, o ser também é abarcado pelo domínio da técnica moderna, consumando a metafísica. Por fim, a comunicação indicará à luz das reflexões e discussões propostas por Heidegger um possível caminho para atentarmos para a diferença ontológica.

Palavras-chave: Heidegger. Ser. Técnica moderna. Diferença ontológica.

ABSTRACT

The work of Martin Heidegger is considered one of the largest in the history of philosophy. Nevertheless, it is from his study of the question of being that we are allowed to weave a threadable to guide us about their different themes. Thus, this paper deals with the ontological difference as a proposal to overcome metaphysics. Assuming that being is the main object of study of Heidegger, this paper aims to demonstrate the contribution of the German philosopher to think modernity from the oblivion of the ontological difference. It is critical to explain how Heidegger, with the bias of this subject, unfolds in general from classical philosophy to modernity under the rule of modern technology. With the predominance of subjectivity rationalist or scientific-technological reason, the ontological difference is forgotten and replaced by the leveling of entities, including the man himself who is taken in modernity, as another resource available. In this sense, being is also encompassed by the field of modern technique, consummating the metaphysical. Lastly, the paper will indicate the light of reflections and discussions proposed by Heidegger a possible way to pay attention to the ontological difference.

Keywords: Heidegger. Being. Modern technique. Ontological difference.

¹ Estudante de pós-graduação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); e-mail: poliana_emanuela@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), dentre outros objetivos de suas reflexões filosóficas teve como objetivo superar a metafísica através de uma análise crítica da diferença ontológica. Para tanto, Heidegger investigou as bases da própria metafísica. Em outro sentido, o filósofo recorreu ao período da filosofia pré-socrática para tentar construir um fio condutor acerca da diferença ontológica, isto é, seu percurso, seu esquecimento e a necessidade de recuperá-la.

Para dar início ao seu processo de investigação, Heidegger lança mão dos conceitos de finitude e facticidade do homem no sentido de promover uma discussão radical sobre a existência humana. Através da proposta de uma analítica existencial, Heidegger recupera o eixo articulador de todo o edifício da metafísica, isto é, o esquecimento do ser. É através desta discussão que podemos perceber que a questão do ser constitui toda a filosofia de Heidegger. É somente através desta percepção que podemos compreender como a questão ontológica sustenta todas as suas concepções filosóficas.

A questão da diferença ontológica, segundo Heidegger, se constitui como a compreensão de que o ente só pode ser pensado a partir do ser, isto é, a partir do espaço, do aberto por onde o ente se apresenta. Daí o homem ser *Da-sein*, um ente lançado ao mundo e o único capaz de dizer o que é o ente através da compreensão do ser. Diante desse pressuposto, Heidegger constrói sua crítica à metafísica clássica, pois de acordo com o filósofo, a história da metafísica é de igual maneira a história do esquecimento do ser.

Tendo em vista a relação ambígua de Heidegger com a metafísica, isto é, a de que ele não a recusa, mas antes tenta reconstruí-la em suas bases, poderíamos acreditar que o filósofo edificou suas reflexões às margens da própria metafísica. Contrariamente a isso, Heidegger demonstra constantemente que é necessário analisar todas as engrenagens que sustentam o arcabouço metafísico, para então apresentar como ela entificou o ser e, assim propor sua superação.

Ao realizar suas reflexões sobre a história da metafísica, Heidegger percebeu que suas construções conceituais em nada se diferenciavam essencialmente. Desse modo, essência, substância foram se consumando junto com a própria metafísica até seu ápice na modernidade se edificando sob os conceitos de animal racional, cògito e subjetividade, concepções estruturais na época da técnica moderna. É justamente nesse cenário, qual seja o da modernidade em que se configura o império da técnica moderna e que se configura o maior

desafio de superação da metafísica. Esta dificuldade se dá, sobretudo, devido à modernidade se apresentar, segundo Heidegger, como a consumação máxima do pensamento metafísico. A noção de ser e ente se entrelaçam a tal ponto que o próprio homem em meio à modernidade conduzida pela técnica, não se encontra mais interpelado a dizer o que é o ser, uma vez que ele mesmo é tido na modernidade, como algo ser disposto pelos desígnios da técnica moderna. O homem passa então, a ser mais um fundo de reserva.

Por outro lado, Heidegger percebe que em meio ao nivelamento e homogeneização propostas pela técnica moderna, existe a possibilidade de superar a ideia imutabilidade, de permanência e identidade do ser. Heidegger propõe uma nova ontologia.

A nova ontologia proposta por Heidegger se inicia a partir de *Ser e Tempo*, quando este propõe desconstruir a metafísica mediante uma análise aprofundada da existência humana, se imiscuindo em seus aspectos mais fundamentais. Esses aspectos são justamente sua própria existência que se dá e se desfaz no próprio tempo, sem que seja permitida qualquer intervenção que manipule tal existência através de explicações como infinitude ou conceitos imutáveis e eternos como o fez à metafísica. O ser, segundo Heidegger é advento consubstancial da própria história e, portanto, essencialmente diferença não apreensível absolutamente por qualquer conceito à margem dos desdobramentos históricos. Assim, o ser acontece no aberto do tempo e que conduz o homem para o ocultamento e desencobrimento de sua própria existência.

O que parece um mero jogo de palavras se trata na verdade de enfatizar o aspecto de maior relevância da existência humana, o aspecto radicalmente finito, porém, não acabado. Esse aspecto finito e inacabado se encontra em meio ao que não pode ser apreendido conceitualmente, o tempo. É justamente essa temporalidade que permite o que o homem esteja sempre a caminho de realizar-se. Desse modo, a existência humana é atravessada dorsalmente pelo tempo e, portanto, historicamente pelo ser.

A questão da técnica aparece neste cenário não como um conjunto de teorias deslocado de toda uma nova ontologia proposta por Heidegger. Antes se configura como mais uma das modulações do ser que foi gestada no seio da própria metafísica. Contudo, é necessário esclarecer que a questão da técnica no pensamento de Heidegger faz parte do momento mais tardio de suas reflexões, por volta dos anos 40 50. Esta constatação não significa uma mudança de foco de suas formulações teóricas, mas um aprofundamento conceitual e gradativo em busca de uma nova ontologia, que se inicia em *Ser e Tempo* e culmina com a questão da técnica moderna.

2. O SER COMO HISTÓRIA E POSSIBILIDADE

Superar a metafísica, segundo Heidegger, significa antes de tudo, desmontar todo um arcabouço que foi erguido durante a história do Ocidente. Em sentido mais claro, a metafísica foi construída sob a égide da ideia de fundição de ser e ente. O ser, assim nivelado a partir dessa perspectiva construiu também as bases do mundo moderno.

Desse modo, este artigo trata da diferença ontológica não apenas como proposta de superação da metafísica, mas também como fonte de interpretação da modernidade. Partindo desse caminho de análise, o mundo moderno é o resultado do esquecimento de ressaltar a diferença entre ser e ente, de problematizar o caráter de identidade do próprio ser. O ser diferentemente dos entes oculta e se revela a si mesmo não necessitando de um lugar ou referência na história. Sua marca não é de fundamento nem tampouco de apreensão, mas o de preparação do que está por vir, isto é, o seu próprio desdobramento histórico.

A radicalização da existência humana, no sentido de pensar o ser do homem de modo mais próprio e originário, segundo Heidegger se dá pelo viés de que essa existência só é possível porque desde sempre esteve imersa no horizonte do ser. Mas, pensar essa existência perpassada pelo ser foi interpretada de forma equivocada pela metafísica, uma vez que esta pretendeu nivelar ser e ente em um mesmo destino, qual seja, o de modelação, conceituação e apreensão. Inicia-se, desse modo, o processo de racionalização que abarca homem, mundo e ser em uma perspectiva subjetivista esquecendo ambos se copertencem mutuamente. Vejamos o que diz Heidegger:

No homem impera um pertencer ao ser; este pertencer escuta ao ser, porque a ele está entregue como propriedade. E o ser? Pensemos o ser em seu sentido primordial como apresentar. O ser se apresenta ao homem, nem acidentalmente nem por exceção. Ser somente é e permanece enquanto aborda o homem pelo apelo. Pois somente o homem, aberto para o ser, propicia-lhe o advento enquanto apresentar. Tal apresentar necessita do aberto de uma clareira e permanece assim, por uma necessidade, entregue ao ser humano, como propriedade. Isso não significa absolutamente que o ser é primeiro e unicamente posto pelo homem. (1983, p. 182).

A partir destas considerações, percebemos que o processo de subjetividade iniciado com a metafísica é a mola propulsora da edificação do mundo moderno. Para compreendermos com clareza essa construção, é necessário ressaltar o aspecto preponderante do esquecimento do ser e, portanto, o esquecimento da diferença ontológica. O caminho o

qual Heidegger propõe para pensarmos de modo originário a questão ontológica é atentarmos para o fato de que homem, ser, mundo e tempo fazem parte de um processo de mutualidade. Em sentido outro, o homem pertence ao ser porque somente ele é *Dasein, ser-no-mundo*, o único ente que possui a possibilidade de estar disponível ao chamado do ser. Quando não atento para a compreensão do ser enquanto história e possibilidade, o homem tende a delimitá-lo em concepções subjetivas e permanentes como tentativa de apreendê-lo em sua permanente construção historial.

O fato de que o homem é o único ente capaz de conduzir o ser em seu processo histórico não significa que a verdade ontológica é verdade enquanto posta por ele. A ideia de um ser absoluto como posto pela metafísica ocidental nada mais é do que a constância de um ente que produz e modela o real conforme os desígnios da própria razão. Foi a partir destas edificações metafísicas que Heidegger começou discutir a questão da diferença ontológica que se iniciou desde *Ser e Tempo* até o aprofundamento de suas reflexões mais tardias por volta dos anos 40 e 50.

O projeto de Heidegger que se afirma desde *Ser e Tempo* até seus escritos sobre a questão da técnica é o adentramento na própria história da metafísica. De nenhum modo, Heidegger tenta construir um novo tipo de fundamento que explique a essência e funcionamento do homem e do mundo. O que o filósofo propõe é que pensemos a questão do ser como preparação histórica que abarca todas as estruturas da natureza em um processo contínuo de construção. A proposta de Heidegger não significa que a identidade do ser tratada sucintamente no início deste artigo seja como propôs a metafísica clássica. O ser assim pensado é subjugado à identidade conforme a representação mental da razão objetivadora. Para superarmos a metafísica e, conseqüentemente atentarmos para a questão da diferença ontológica é precisopensarmos no processo de mutualidade no qual o homem está inserido, isto é, na condição historial do ser. Vejamos o que diz Heidegger a este respeito:

Não penetramos ainda no comum-*pertencer*. Como, porém, acontece uma tal entrada? Pelo fato de nos distanciarmos da atitude do pensamento que representa. Este distanciar-se se diferencia como um salto. Ele salta, afastando-se da comum representação do homem como *animal rationale*, que na modernidade tornou-se sujeito para seus objetos. O salto distancia-se ao mesmo tempo do ser. Este, entretanto é interpretado desde os primórdios do pensamento ocidental como fundamento em que todo o ser do ente se funda. (HEIDEGGER, 1983, p. 183).

É a partir deste contexto de discussão que Heidegger legitima seus argumentos sobre a superação da metafísica. Desse modo, pensar no processo de pertencimento mútuo entre

homem e ser é, sobretudo, compreender que os conceitos de *salto*, *abismo* e *clareira*, apesar de não pretendermos aprofundá-los neste artigo, indicam que não se tratam de uma tentativa de construção de uma nova metafísica, mas exatamente seu contrário. Desde *Ser e Tempo* que Heidegger pretendeu desconstruir as ontologias tradicionais através do projeto da analítica existencial. Para tanto, o conceito de tempo conduziu para pensar em salto, abismo e clareira como formas de maior expressividade para tratar da questão ontológica como uma questão histórica, na qual o homem é sempre projeto inacabado não passível de apreensão total de sua existência. Neste sentido, a diferença ontológica se desenha de um prisma do não apreensível.

Diante desta perspectiva, devemos compreender que, embora o homem se diferencie dos demais entes justamente por se encontrar imerso no universo da história e, por conseguinte o universo da diferença, ele não detém a guarda absoluta do ser porque ele mesmo se oculta no desenrolar histórico. Nisto reside à necessidade de desmontar a metafísica através da desconstrução de suas bases, cujos pilares mais fortes se referem à ideia de presença constante do ser. Esta ideia, além de colocar o ser em uma dada dimensão subjetiva, coloca o homem também na posição de legislador do mundo e dos entes, o retirando da esfera do tempo e o remontando como subjetividade eterna e imutável através do ser como constante presença criada e posta pelo próprio homem. Vê-se desse modo, que Heidegger buscou tratar da diferença ontológica primando por uma filosofia de preparação e não de fundamento. Ernildo Stein enriquece nossa reflexão quando afirma:

O que Heidegger fez, falando em *superação da metafísica*, foi nos libertar das ilusões de fundar a metafísica no ente e no positivo e nos levar ao adentramento da metafísica, para nela vermos a moldura que dá unidade e funda nosso conhecimento positivo. Aqui Heidegger nos fala de necessidade de desconstrução da metafísica como presença. (STEIN, 2000, p.85).

Superar a metafísica como presença não é, segundo Heidegger o mesmo que destruí-la, mas fazer ver que o ser pensado como constante presença é um equívoco, é nivelá-lo com os demais entes passíveis de apreensão absoluta. Heidegger procurou estabelecer uma nova perspectiva para a questão ontológica, um olhar que fosse em direção do movimento contínuo da história e que pudesse superar as regras fixas e acabadas do jogo metafísico. Por outro lado, a tarefa proposta pelo filósofo de reconduzir o homem (*Dasein*) para pensar a diferença ontológica encontra ainda um maior entrave quando este vê a consumação da metafísica na modernidade. É a partir desse duelo de forças entre a consumação de um projeto metafísico de nivelção entre ente e ser e o de reconduzir a questão ontológica para a perspectiva histórica que Heidegger faz sua análise sobre a técnica moderna.

3. TÉCNICA MODERNA COMO POSSIBILIDADE PARA PENSAR A DIFERENÇA ONTOLÓGICA.

A técnica moderna atesta, sobretudo, o caráter de consumação da metafísica. Esta consumação não se dá de forma isolada em meio às parafernalias técnicas, mas faz parte de um contexto bem mais denso e coeso que é a própria modernidade. A era moderna apresenta um percurso histórico de um modo muito particular que foi gestado dentro da própria história da metafísica.

Como tentativa de compreender a si mesmo e o mundo, o homem acabou por traduzir sua essência a partir de um ente absoluto forjado por ele mesmo. Daí começa a ser erguido o império da objetividade que, na modernidade se constitui como eixo articulador do esquecimento da diferença ontológica. O homem moderno esquece da diferença ontológica a partir do momento em que confirma sua subjetividade de modo negativo. Dito de outro modo, na modernidade, o homem transforma sua subjetividade em subjetivismo, cujo objetivo é calcular e prevê todo o real.

A ideia que prepondera na modernidade é a de que toda e qualquer forma de existência tem necessariamente que está atrelada de igual modo à ideia de utilidade. Assim, nada atesta com mais rigor o fato de que o mundo tem que funcionar conforme as engrenagens do relógio cartesiano do que submeter toda a natureza à racionalidade científica, pondo-a em prática através de sua aplicação sob a égide da técnica moderna.

Partindo desse pressuposto, podemos perceber que a diferença ontológica foi esquecida pelas teorizações metafísicas quando esta pensava o ser como constante presença e, na modernidade, o homem aparece como fundador e legislador de verdade. O homem moderno se mostra ainda mais dono da história a partir que vê nas suas criações técnicas a força e o poder que possui de manipulação sobre a natureza.

A técnica é, para o homem moderno, o espelho que reflete a sua subjetividade e efetividade de poder sobre o mundo. Mais uma vez, o ser passa a se identificar com a representatividade humana. Apesar dele está inserido dentro de um projeto inacado, o que faz estar dentro do universo da diferença, é necessário ressaltar que a diferença do ser reside, como dito anteriormente, na sua identidade consigo mesmo. Dito de forma mais clara, o ser se

oculta e se desvela a si mesmo e, somente ele tem esse poder. Portanto, ao mesmo tempo em que ele é identidade, pois não há como abarcá-lo em sua totalidade, ele também é diferença justamente por não ser apreensível. De acordo com esta perspectiva é que afirmamos, segundo as reflexões de Heidegger que a história do ser pertence apenas a si mesmo. Vejamos o que diz o filósofo sobre essa questão.

A história do ser não é a história do homem e da humanidade, nem a história do relacionamento humano com os entes e com o ser. A história do ser é ser-ele-mesmo, e apenas ser. Contudo, uma vez que o ser carece do ser humano [*Menschenwesen*], para fundamentar a sua verdade nos entes, o homem permanece atraído para a história do ser, mas apenas e sempre no concernente à maneira como ele adquire a sua essência [*Wesen*] a partir da relação do ser consigo, e em conformidade com este relacionamento perde a sua essência, negligencia-a, cede-a, fundamenta-a, ou a dissipa-a (*Apud*, Zimmerman, 1990, p. 256).

Ao querer fundamentar a história do ser, o homem o nivela a si mesmo e aos demais entes, uma vez que ele mesmo produz uma essência ontológica. Poderíamos perceber, de acordo com alguns estudiosos ou pensadores mais apressados que a modernidade conseguiu, de fato, superar a metafísica. Mas, o que houve foi apenas uma substituição das determinações metafísicas como algo exterior ao próprio homem pela certeza proporcionada pela subjetividade. De posse desta substituição, não mais limites para o homem moderno no seu percurso para a dominação do mundo através da técnica moderna. De acordo com Zimmerman:

Essa visão moderna da racionalidade estava relacionada de perto com o triunfo do fenômeno paradoxal que eu chamo de humanismo naturalista. O paradoxo de tal humanismo reside que ele combina a visão segundo a qual os humanos são como as outras espécies animais que lutam pela sobrevivência, com a perspectiva que os humanos são diferentes dos outros animais por serem dotados de racionalidade que lhes dá o direito de definir, avaliar e usar as coisas da maneira que entendem escolher. (1990, p. 288)

A racionalidade que se configura, sobretudo, através da manipulação técnica sobre a natureza nos faz pensar apressadamente que Heidegger é um conservador e anacrônico em relação ao mundo moderno. Mas se trata na verdade de pensar outro modo de lidar com a técnica moderna. É exatamente nesse contexto, que reside o caráter conflituoso da interpretação do pensamento de Heidegger sobre essa questão. O filósofo não defende incondicionalmente a técnica moderna, nem tampouco se entrega às cegas aos meios que ela proporciona ao homem de estar, manipular, prevê, enfim de ratificar o seu poder sobre a terra. Mas por outro lado, Heidegger reconhece a importância da técnica para o homem e ainda a reconhece como um destino inevitável para a humanidade. É em meio a essa linha tênue que

Heidegger demonstra sua preocupação em relação ao poder desenfreado sobre o mundo e a natureza que a técnica realiza em sua efetividade controlada pela razão científico-tecnológica, ao mesmo tempo em que a vê como um modo de desencobrimento, e desse modo, não totalmente negativa. Assim ele afirma:

A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade (HEIDEGGER, 2008a, p. 17).

O que Heidegger propõe nesse sentido, é que não recusemos a técnica, mas saibamos como lidar com ela. Para isso, ele ressalta o seu caráter de desencobrimento. O desencobrimento, o qual Heidegger se refere está atrelado ao campo da arte. Heidegger vai buscar entre os gregos antigos o sentido de *téchne* como produção artística. A *téchne*, nesse sentido, encontra-se no mesmo campo de atuação *dapoiésis*(pro-dução). A produção para os gregos não era o mesmo que provocar a natureza ou manipulá-la conforme os desígnios da subjetividade humana. Mas dizia respeito a um fazer manifestar do ente que não se mostrava em seu ser por si mesmo. Assim, de todas as *poiésis*(produção), a arte era a mais nobre, em especial a poesia.

Embora não iremos tratar discutir detalhadamente a questão da poesia, mas chegamos no ponto onde poderemos compreender a técnica como desencobrimento e, compreendermos como recuperar o sentido da diferença ontológica. A técnica está inserida na *poiésis* que é toda e qualquer forma de produção humana, sobretudo, arte. Nessa perspectiva a técnica grega era também é um desencobrimento autêntico. O que Heidegger propõe é que pensemos a técnica moderna, não como provocação que tudo nivela inclusive o próprio homem como mais um recurso disponível. Pensemos a técnica a partir dos moldes gregos, como desencobrimento autêntico da natureza. A técnica como recurso humano de fazer de descobrir o ser dos entes, de utilizar apenas o que precisa para. Que o homem possa ter a técnica na modernidade a seu serviço e não ao contrário. Percebendo e lidando com a técnica dessa forma, o homem deixa de ser mais um ente sob o controle do império técnico e volta a fazer parte do diferença ontológica, isto é, do não apreensível, previsto ou calculável.

A *poiesis* (pro-dução) nomeia um fazer manifestar-se o que antes não estava manifestado. Assim, o que podemos compreender é que não há na concepção de *téchne* grega a provocação da natureza. A *téchne* dos gregos não representa uma exploração da natureza, não é impelida à provocação, porque esta não possui a necessidade do armazenamento, do reprocessamento e do controle.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não constitui nosso objetivo aprofundar a questão da técnica no mundo moderno, nem tampouco discutir os caminhos que levam à sua essência, até porque é um tema que se encontra praticamente em toda a obra de Heidegger. Antes, o que pretendemos foi traçar algumas considerações sobre os aspectos basilares da questão da diferença ontológica.

Para tanto, traçamos um pequeno percurso desde algumas pontuações em *Ser e Tempo* no que diz respeito ao projeto da analítica existencial, momento em que Heidegger inicia suas reflexões sobre a diferença ontológica. Continuamos o nosso caminho de análise por suas reflexões mais tardias, nos anos 40 e 50 do pós-guerra. Heidegger percebeu que toda a engrenagem que sustenta e ordena o mundo moderno não é uma construção de um simples desenvolvimento histórico que trás em seu bojo os meios necessários, através da técnica moderna, para as mais complexas realizações humanas.

Contrariamente a essa perspectiva, o filósofo alemão provoca uma discussão sobre a modernidade, a qual remonta a metafísica clássica, tendo esta como sustentáculo do mundo moderno e, conseqüentemente a consumação não só da própria metafísica como também do esquecimento da diferença ontológica. A metafísica, segundo Heidegger desconsiderou o ser em seu caráter independente e histórico através de concepções que o entificaram (substância, ideia) que queriam tão somente afirmar uma ontologia apreensível, eterna e imutável. A constante presença proposta pela metafísica ocidental renunciou o subjetivismo preponderante no mundo moderno. O homem não mais governado por um princípio ulterior ou transcendental, e sim um princípio a partir de si mesmo que efetiva seu poder e controle sobre o mundo por meio da consolidação da técnica moderna.

Em suma, Heidegger se encontra na lista de pensadores marcados por ambigüidades. De um lado, critica a metafísica, mas de outro, sustenta a ideia de uma ontologia. Mas é necessário compreender que a ontologia proposta por Heidegger não é de caráter humanista, mas histórica. Outra questão importante de ressaltar do pensamento de Heidegger é a que ele é, sobretudo, um pensador do ser e que todas as suas teorizações tentam demonstrar que o ser possui diversas modulações históricas e que uma delas é justamente sua feição como técnica moderna. É nesse sentido, que Heidegger não recusa a técnica, nem tampouco a despreza como imprescindível para o funcionamento do mundo. O que Heidegger propõe é que pensemos a técnica como um modo de ser de uma ontologia histórica e, portanto, inevitável. A diferença ontológica, nesse sentido, não é aniquilada em meio a modernidade, mas pode ser

reconduzida através de pensarmos a técnica como desencobrimento não provocativo da natureza, mas como inserida no universo da arte.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. In: Ensaio e conferências. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Identidade e diferença**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção os Pensadores).

STEIN, Ernildo. **Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

ZIMMERMAN, E. **Confronto de Heidegger com a modernidade: tecnologia, política e arte**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.